

# QUESTÕES SOBRE A TEORIA LITERÁRIA PÓS-ESTRUTURALISTA<sup>1</sup>

**JOÃO SEDYCIAS, PH.D.**  
DIVISION OF HUMANITIES  
ESSEX COUNTY COLLEGE  
NEWARK, NEW JERSEY

Nos últimos anos, um acalorado debate que poderá ter conseqüências profundas e significativas tem se desdobrado nos círculos literários de várias universidades norte-americanas. A discussão gira em torno da verdadeira natureza da escrita e do rumo que a crítica literária poderá tomar nos próximos anos. De um lado do conflito, encontram-se os estudiosos que compartilham dos princípios da tradição humanista nos quais foram instruídos e que defendem a crença de que o objetivo principal da crítica literária para eles permanece inalterado. Do outro lado, estão aqueles intelectuais que defendem uma nova abordagem para a literatura e a teoria literária. Essa abordagem tem demonstrado ser impenetrável e ameaçadora para muitos críticos literários tradicionais. O novo enfoque chama-se Desconstrução e de diversas maneiras questiona os pressupostos humanistas sobre a relação entre autor e leitor, ficção literária e realidade.

A Desconstrução tomou forma a partir de obras experimentais, produzidas nos últimos 70 anos, de autores tais como James Joyce, Bertold Brecht, Samuel Beckett, Roland Barthes e Jorge Luis Borges. Esses escritores produziram textos que pareciam exigir um novo tipo de crítica, capaz de ir além das questões tradicionais da forma literária, para poder investigar as bases da própria linguagem. O fator principal que possibilitou a formulação dessa nova abordagem foi a obra radical de Jacques Derrida. Como muitos outros pensadores contemporâneos, esse filósofo francês priorizou na sua obra a análise do status ontológico da crítica em si e se estabeleceu como a figura mais importante do movimento desconstrutivista. Assim, se tornou um dos novos filósofos mais comentados tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Derrida descreve o seu projeto filosófico como uma “general strategy of deconstruction which would avoid both simply neutralizing the binary oppositions of metaphysics and simply residing, while upholding it, in the closed sphere of these oppositions”<sup>2</sup> [estratégia geral de desconstrução que evitaria tanto a simples neutralização das oposições binárias da metafísica como a mera permanência na esfera fechada dessas oposições, ao mesmo tempo em que se afirma essa metafísica]. A força principal de sua crítica é direcionada contra a nostalgia, particularmente contra aqueles clamores de nostalgia que constituem, em sua visão, a metafísica da presença e da origem. Tais paraísos perdidos são lugares de anseio pela origem e pelo fim. Derrida se opõe à metafísica da autoconsciência proposta por Husserl, que concede um status privilegiado à voz e à fala. Essa nostalgia é logocêntrica, fonocêntrica, fala do ser e da experiência, da lógica universal, da escrita alfabética e seu único tema é a perda. Ele se preocupa com tudo que escapa ou nega a metafísica da

---

<sup>1</sup> A tradução deste artigo do inglês para o português contou com a inestimável e sempre lépida e acalorada participação de Sandra Vitória, Suzana Viriato e Bianca Bold, alunas do Programa de Bacharelado em Tradução-Inglês, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco. Gostaria, também, de registrar o meu carinhoso agradecimento aos colegas do Departamento de Letras da UFPE que, com muita paciência, perspicácia e gentileza, leram e ajudaram a melhorar significativamente a versão final do presente artigo: Marlos Pessoa, Virgínia Leal e Francisco Gomes de Matos.

<sup>2</sup> J. L. Houdebine e Guy Scarpetta, “Positions, Interview/Jacques Derrida,” *Diacritics* (Winter 1972): 35.

presença e que se recusa a retornar a uma origem paterna. A Desconstrução é um esforço para desmontar os axiomas sobre os quais um argumento metafísico se baseia. Isso requer uma descrição crítica e cuidadosa da terminologia, para que, mesmo quando o filósofo fizer uso dos termos dados, esse uso seja herético.

Grande parte da obra de Derrida é uma série de discussões com seus predecessores, especialmente Nietzsche, Freud, Heidegger e Husserl. Uma de suas obras, *Of Grammatology* [Da gramatologia], é uma meditação provocada pela leitura de Derrida do *Essay on the Origin of Languages* [Ensaio sobre a origem das línguas], de Rousseau, suplementada por comentários críticos sobre a obra de Saussure e Lévi-Strauss. A própria gramatologia surge da insatisfação de Derrida com esses predecessores e especialmente com os traços de nostalgia que ele detecta em suas obras. O termo gramatologia já foi considerado um tratado sobre as letras, o alfabeto, silabação, leitura e escrita. Porém, usada por Derrida, a palavra parece apontar apenas para uma possibilidade, que ele é o primeiro a declarar ser também, ao mesmo tempo, uma impossibilidade. A gramatologia, se existisse, estaria além da semiologia, desmontaria o logocentrismo e usaria signos convencionais apenas “while erasing them, *sous rature*” [se pudesse, ao mesmo tempo, apagá-los sob rasura].

Derrida já foi descrito como um pirotécnico literário que se deleita em assinalar que quando ostensivamente demonstramos a coerência de uma estrutura apenas revelamos a força de um desejo. Ele atribui aos objetos apenas um status virtual. A existência desses objetos tem menos substância do que suas próprias sombras. Se alguém aponta para um centro, Derrida não nega que possa haver um centro, mas afirma que o centro é uma função, não um ser. E se alguém argumenta que ontologicamente podemos localizar origens concretas e pontos fixos de estabilidade, Derrida nega a validade dessa noção de residência. Ele evita esse problema recorrendo ao conceito de *jeu*, ou jogo livre, como um ato logicamente anterior à possibilidade da presença ou da ausência. Em “Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences” [Estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas], Derrida define *jeu* como “the interplay of absence and presence” [a interação entre a ausência e a presença], um movimento de alteridade, de *différance*, que resiste a qualquer formulação que procura posicioná-lo em um local fixo, estável.<sup>3</sup>

A leitura que Derrida faz de várias obras e a construção dos seus próprios textos são explorações do logocentrismo ocidental. A metafísica da presença, que um texto desconstruído pode simultaneamente afirmar e subverter, é para Derrida a única metafísica que conhecemos. Certamente é a metafísica que delinea todo o nosso pensamento, mas ela também pode dar origem a paradoxos que desafiam a sua própria coerência e consistência e, portanto, refuta a possibilidade de determinar ou definir o ser como presença. O arcabouço da história da metafísica, argumenta Derrida:

is this determination of being as *presence*.... It would be possible to show that all the terms related to fundamentals, to principles, or to the center have always designated the constant of a presence,... essence, existence, substance, subject,... transcendental, consciousness or conscience, god, man, and so forth.<sup>4</sup>

é essa determinação do ser como presença.... Seria possível mostrar que todos os termos

---

<sup>3</sup> Jacques Derrida, “Structure, Sign, and Play in the Discourse of Human Sciences,” in *The Languages of Criticism and the Sciences of Man: The Structuralist Controversy*, editado por Richard Macksey e Eugenio Donato (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1970), pp. 263-264.

<sup>4</sup> Jacques Derrida, *Writing and Difference*, traduzido por Alan Bass (Chicago: University of Chicago Press, 1978), p. 27.

relacionados a fundamentos, princípios ou ao centro sempre designaram a constância de uma presença,... essência, existência, substância, sujeito, transcendentalismo, consciência, deus, homem, e assim por diante.

Para Derrida, nada nunca está simplesmente presente. Qualquer coisa que esteja supostamente presente, e que seja postulada como tal, depende, para definir a sua identidade, de diferenças e relações que nunca podem estar presentes. Terry Eagleton fornece um resumo esclarecedor da transição de Saussure a Derrida e mostra que, para Saussure, o sentido na linguagem é primordialmente uma questão de diferença. Em outras palavras, o sentido é sempre o resultado de uma divisão ou articulação de signos. Derrida concorda com Saussure que a existência do signo depende da diferença entre significantes, mas questiona a visão saussuriana do signo como uma junção simétrica e bem organizada entre um significante e um significado. Em seu lugar, propõe um modelo “gramatológico” no qual um significado é visto como o produto de uma complexa interação de significantes, e o sentido, como o subproduto de um jogo potencialmente interminável de significantes, em vez de um conceito firmemente ancorado em qualquer significante específico. Ou seja, o sentido nunca está imediatamente ou completamente presente em nenhum signo. Já que o sentido de um signo depende do que o signo não é, o seu sentido, de alguma forma, nunca está contido no próprio signo. Assim, o sentido pode ser definido como nunca sendo idêntico a si mesmo. Esse é o resultado de um processo de divisão ou articulação através do qual os signos conseguem ser eles mesmos apenas devido ao fato de que não são nenhum outro signo. A implicação de tudo isso, como Eagleton habilmente assinala, é que a linguagem não é uma questão tão estável quanto os estruturalistas tradicionais nos queriam fazer acreditar. Além do mais, essa visão da linguagem destrói o conceito de um *logos* que é ao mesmo tempo transcendental e auto-evidente. Esse *logos* seria uma “palavra” final, presença, essência, verdade ou uma realidade que existe em completa harmonia consigo mesma. Seria, também, o “significante transcendental” que pode atuar como o fundamento de todo o nosso pensamento, linguagem e experiência (deus, o eu, substância, matéria) e que pode dar sentido a todos os outros significantes.<sup>5</sup>

De acordo com Derrida, nossa linguagem está tão repleta da metafísica da presença que parece nos oferecer uma única alternativa: algo ou está presente ou ausente. Ele demonstra que a metafísica da presença é difusa e familiar. O que talvez seja menos óbvio, argumenta Derrida, é a maneira como se acredita que a natureza e a realidade das coisas no universo estão fundamentadas nesse tipo de presença.

A crítica Derridiana dessa metafísica envolve, entre outras coisas, a identificação de elementos, termos e funções, os quais, como *différance*, são difíceis de conceber numa estrutura filosófica tradicional e que, quando expostos, atuam não para desacreditar ou negar essa estrutura, mas para indicar os seus limites. Podemos ver essa crítica em prática na análise que Jonathan Culler faz do paradoxo entre estrutura e evento:

We tend to think that what we call the meaning of a word depends on the fact that it has been used by speakers on various occasions with the intention of communicating or expressing this meaning, and we thus might want to argue that what can in general be called the structure of a language – the general system of its rules and regularities – is derived from and determined by events: by acts of communication. But if we took this argument seriously and began to look at the events which are said to determine structures, we would find that every event is itself already determined and made

---

<sup>5</sup> Terry Eagleton, *Literary Theory: An Introduction* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983). pp. 127-134.

possible by prior structures. The possibility of meaning something by an utterance is already inscribed in the structure of the language. The structures, of course, are themselves always products, but however far back we try to push, even when we think of the birth of language itself and try to describe an originating event that might have produced the first structure, we discover that we must assume prior organization, prior differentiation. For a caveman successfully to originate language by making a special grunt signify something like “food” is possible only if we assume that the grunt is already distinguished or distinguishable from other grunts and that the world has already been divided into categories of food and non-food. Signification always depends on differences: contrasts, for example, between food and non-food that allow “food” to be signified.<sup>6</sup>

Tendemos a pensar que o que chamamos o sentido de uma palavra depende do fato de esta ter sido usada por falantes em várias situações com a intenção de comunicar ou expressar esse sentido, e assim talvez queiramos argumentar que aquilo que geralmente chamamos de estrutura de uma língua – o sistema geral de suas regras e regularidades – é derivado de eventos e determinado por eles: por atos de comunicação. Porém, se tomarmos esse argumento seriamente e começarmos a examinar os eventos que determinam as estruturas, descobriremos que todo evento é por si só já determinado e possibilitado por estruturas prévias. A possibilidade de expressar sentido através de uma elocução já está contida na estrutura da língua. As estruturas, naturalmente, são sempre produtos. Porém, por mais que tentemos voltar no passado, mesmo quando pensamos no próprio nascimento da língua e tentamos descrever um evento originário que pode ter produzido a primeira estrutura, descobrimos que devemos admitir uma organização prévia, uma diferenciação anterior. Para um homem primitivo dar origem à língua com êxito, fazendo um grunhido especial significar algo como “alimento”, é possível apenas se assumirmos que o grunhido já é distinto ou distinguível de outros grunhidos e que o mundo já está dividido em categorias de alimento e não-alimento. A significação depende sempre de diferenças: contrastes, por exemplo, entre alimento e não-alimento, que permitem que [a palavra] “alimento” tenha significado.

Derrida se aprofunda mais nessa questão em *Positions* e escreve que:

The play of differences involves syntheses and referrals [*renvois*] that prevent there from being at any moment or in any way a simple element that is *present* in and of itself and refers only to itself. Whether in written or spoken discourse, no element can function as a sign without relating to another element that itself is not simply present. This linkage means that each ‘element’ – phoneme or grapheme – is constituted with reference to the trace in it of the other elements of the sequence or system. Nothing, in either the elements or the system, is anywhere ever simply present or absent.<sup>7</sup>

O jogo de diferenças envolve sínteses e referências [*renvois*] que impedem que exista a qualquer momento ou de qualquer maneira um simples elemento que está *presente* nele mesmo e se refere apenas a si próprio. Seja no discurso falado ou escrito, nenhum elemento pode funcionar como um signo sem se relacionar com outro elemento que por si só não está simplesmente presente. Essa ligação significa que cada ‘elemento’ –

---

<sup>6</sup> Jonathan Culler, “Derrida,” in *Structuralism and Since*, editado por John Sturrock (New York: Oxford University Press, 1970), p. 161.

<sup>7</sup> Houdebine e Scarpetta, “Positions,” p. 39.

fonema ou grafema – constitui-se com referência ao traço presente nele de outros elementos da seqüência ou do sistema. Nada, em lugar algum, nem nos elementos nem no sistema, nunca está simplesmente presente ou ausente.

Eventos que produzem significado dependem de diferenças, mas essas diferenças são elas próprias produtos de eventos. Quando focalizamos os eventos, tendemos a afirmar a prioridade das diferenças. Porém, ao focalizarmos as diferenças, o que vemos é a dependência destas em relação a eventos anteriores. Podemos alternar repetidamente entre essas duas perspectivas, que nunca dão origem a uma síntese. Cada perspectiva expõe o erro da outra numa dialética sem solução. Derrida chama essa alternância de *différance*. Assim, *différance* designa, por um lado, uma diferença passiva já em existência como a condição de significação e, por outro, um ato de diferenciar ou adiar que produz diferenças. Alguns críticos associam esse termo com a palavra inglesa *spacing* [espaçamento], que designa tanto um arranjo completo como o próprio ato de distribuir ou arranjar.

O termo *différance* desempenha um papel importante nas obras de Nietzsche, Freud e Saussure. É particularmente importante no caso de Saussure, pois é na leitura que Derrida faz do *Course of General Linguistics* [Curso de lingüística geral] que os paradoxos da significação e o papel do termo *différance* são explorados mais detalhadamente. Derrida encontra na obra de Saussure uma crítica contundente da metafísica da presença e do que ele chama de “logocentrismo”, mas também, e simultaneamente, uma inevitável afirmação e um inextricável envolvimento com o mesmo.

Saussure define a língua como um sistema de signos. Ele argumenta que os signos são arbitrários e convencionais e que cada um é definido pelas diferenças que os distinguem uns dos outros e não por alguma propriedade essencial dos mesmos. Saussure defende que o signo é uma unidade puramente relacional e que na língua existem apenas diferenças, sem termos positivos. Esse é um princípio que vai de encontro ao logocentrismo e à metafísica da presença. Saussure afirma, por um lado, que nenhum termo do sistema está plenamente ou simplesmente presente, já que as diferenças nunca podem estar presentes. Por outro lado, esse princípio define a identidade em termos de ausências comuns ao invés de presença. Assim, a identidade, que é a pedra fundamental de qualquer metafísica, torna-se puramente relacional.

Ao mesmo tempo, porém, encontramos no argumento de Saussure uma forte afirmação do logocentrismo. Para Derrida, é extremamente interessante que isso se manifeste no modo como Saussure aborda a escrita, que este relega a um plano secundário e derivativo quando comparada com a fala. De acordo com Saussure, as formas escrita e oral das palavras não constituem, em conjunto, o objeto da análise lingüística. Apenas a forma oral constitui esse objeto. A escrita é simplesmente um modo de representar a fala, um artifício técnico, um acessório externo, não precisando, portanto, ser levada em consideração quando estudamos a linguagem.

Isso pode parecer uma manobra relativamente inocente por parte de Saussure, mas na verdade, como demonstra Derrida, é crucial para a tradição ocidental de pensar sobre a linguagem. De acordo com essa tradição, a fala é vista como comunicação direta e natural e a escrita como uma representação oblíqua desta. Essa visão da escrita é tão velha quanto a própria filosofia. No *Fedro*, Platão condena a escrita como uma forma abastardada de comunicação. Segundo Eagleton, por trás desse preconceito, que privilegia a fala em detrimento da escrita, encontramos uma visão particular do “homem”. O homem, argumenta Eagleton, é supostamente capaz de criar e expressar seus próprios sentidos de maneira espontânea, de ser completamente dono de si mesmo e de dominar a linguagem como um meio transparente do seu mais íntimo ser. Essa teoria peca por não perceber que a “voz viva” é na verdade tão concreta quanto a língua escrita. Visto que os signos orais, assim

como os escritos, funcionam apenas através de um processo de diferenciação e divisão, a fala poderia ser perfeitamente considerada uma forma da escrita, assim como a escrita é tida como uma forma derivativa da fala.<sup>8</sup>

Saussure chama atenção para os “perigos” da escrita, que “mascara” e até “usurpa”, em algumas ocasiões, o papel da fala. A “tirania da escrita” é contundente e capciosa, levando, por exemplo, a erros de pronúncia que são “patológicos”, uma deturpação ou contágio das formas naturais da fala. Os lingüistas que se preocupam com as formas escritas caem nessa armadilha. A escrita, supostamente um acessório externo a serviço da fala, ameaça corromper a pureza do sistema ao qual ela serve. Por essa razão, a relação entre fala e escrita é mais complicada do que poderia parecer inicialmente. O esquema hierárquico que deu prioridade à fala e fez da escrita sua dependente agora é subvertido pela possibilidade de que a fala, no final das contas, talvez não seja independente da escrita e que a escrita possa afetar ou infectar a fala. Derrida identifica essa estrutura hierárquica, ou jogo de relações, em vários textos, particularmente em Rousseau, que ele chama de, usando um termo comum em Rousseau, “a lógica do *supplément*”.

Rousseau fala da masturbação como um “dangerous supplement” [suplemento perigoso]. Como a escrita, a masturbação é um acréscimo perverso – nesse caso, à sexualidade em vez da linguagem – que não afeta a natureza da sexualidade normal. Por outro lado, a masturbação substitui (ou assume o lugar da) atividade sexual normal. A capacidade da masturbação de atuar como substituto dessa sexualidade indica que ambas provavelmente compartilham algo da mesma natureza.

A lógica da complementaridade, como descreve Derrida, é potente e incisiva. Torna possível tudo aquilo que pensamos como sendo caracteristicamente humano: a linguagem, a paixão, a sociedade, as artes. Uma vez que atentamos para essa lógica, podemos encontrá-la em ação nos mais variados contextos. Lidamos com a lógica do suplemento quando identificamos algo caracterizado como periférico em relação à plenitude – como a escrita é periférica à atividade da fala ou a perversão à sexualidade normal – como um substituto para aquela plenitude ou como algo que pode suplementá-la ou completá-la. Assim, torna-se possível mostrar que o que era visto como características distinguíveis daquilo que é periférico na verdade são qualidades definidoras do objeto central em consideração.

Saussure e outros empregam um fervor moral ao rejeitarem a escrita porque a identificam com certas características da linguagem que eles querem desconsiderar mas que, precisamente por serem características da linguagem, ameaçam reaparecer continuamente. Deste modo, a escrita, que, segundo Saussure, não deveria ser o tema da análise lingüística, vem a ser construída nos mesmos princípios da fala e é a melhor ilustração da natureza das unidades lingüísticas.

As inversões desconstrutivistas de Derrida são intervenções estratégicas. Não estabelecem a base de uma nova disciplina – gramatologia, declara Derrida, é o nome de uma *pergunta* – mas exercem pressão sobre um sistema de conceitos e o desestabilizam, tornando mais visíveis suas pressuposições e limites. As leituras de Derrida combinam o que comumente chamamos de jogo literário da linguagem com um certo rigor filosófico, não de maneira tímida ou conciliatória, mas na sua forma mais radical. O que dá uma intensidade especial ao trabalho de Derrida é a seguinte combinação: ele argumenta de acordo com um sistema filosófico específico, mas ao mesmo tempo tenta, através da produtividade da linguagem, romper ou superar esse próprio sistema.

---

<sup>8</sup> Eagleton, *Literary Theory*, p. 130.

Muitos dos críticos que discordam de Derrida o fazem a partir de uma perspectiva notadamente negativa. A Desconstrução já foi descrita como “a wonderland philosophy which exhorts us to work terribly hard, to run terribly fast, in order to stay where we are”<sup>9</sup> [uma filosofia do faz-de-conta que nos exorta a trabalhar excessivamente, a correr o mais rápido possível, apenas para ficarmos no mesmo lugar], e como uma “lurid strategy... reading as a form of mistrust”<sup>10</sup> [estratégia fantasiosa... a leitura como uma forma de desconfiança]. Essas concepções podem ser entendidas como reações a propostas que são consideradas radicais e portanto ameaçadoras para a ortodoxia. Preferências pessoais à parte, podemos encerrar dizendo que a importância do trabalho de Derrida para a comunidade literária atual não é tanto devida ao caráter radical das idéias e formulações que ele ajudou a apresentar e desenvolver nos últimos quarenta anos, mas ao fato de sua obra ter fomentado o repensar de certas relações que sem dúvida irão influenciar os rumos da teoria e da crítica literária no futuro.

### **Bibliografia**

Culler, Jonathan. “Derrida.” In *Structuralism and Since*. Editado por John Sturrock. New York: Oxford University Press, 1970.

Derrida, Jacques. “Structure, Sign, and Play in the Discourse of Human Sciences.” In *The Languages of Criticism and the Sciences of Man: The Structuralist Controversy*. Editado por Richard Macksey e Eugenio Donato. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1970.

Derrida, Jacques. *Writing and Difference*. Traduzido por Alan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1978.

Eagleton, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983.

Greene, Marjorie. “Life, Death, and Language: Some Thoughts on Wittgenstein and Derrida.” *Partisan Review*, vol. 43, 1976.

Houdebine, J. L. e Scarpetta, Guy. “Positions, Interview/Jacques Derrida.” *Diacritics*, Winter 1972.

Wood Michael. “Deconstructing Derrida.” *The New York Review of Books*, 03 March 1977.

---

<sup>9</sup> Marjorie Greene, “Life, Death, and Language: Some Thoughts on Wittgenstein and Derrida,” *Partisan Review* 43 (1976): 279.

<sup>10</sup> Michael Wood, “Deconstructing Derrida,” *The New York Review of Books*, 03 March 1977, pp. 27-29.